

**Luís Gonzaga
Gomes**

**José Carlos
Canoa**



O camonista de Macau

1. Conhecer o legado gomesiano

Luís Gonzaga Gomes, que nasceu em Macau em 1907 e faleceu na sua terra natal em 1976, aos 68 anos, afigura-se-nos como uma figura multifacetada da sociedade e da cultura de Macau no século XX. Foi professor, tradutor, filólogo, escritor, historiador, etnógrafo, sinólogo, jornalista, bibliotecário e arquivista, museólogo, e colecionador de arte. Como bibliófilo, colecionou livros que eram importantes para a sua investigação, incluindo exemplares antigos e raros, e essa grande biblioteca pessoal será integrada após a morte do colecionador no acervo da Biblioteca Nacional de Macau; também foi bibliógrafo – é conhecida a sua *Bibliografia macaense*, distribuída por vários números do *Boletim Instituto Luís de Camões*, cuja separata de 1973 foi reeditada pelo Instituto Cultural em 1987; e ainda o *Catálogo dos manuscritos de Macau*, em vários volumes publicados na década de 60. Com António Aresta, podemos considerá-lo *um homem do Renascimento*, pois era detentor de vastos e amplos *interesses intelectuais, artísticos, musicais, linguísticos ou historiográficos* (Aresta 2014: 116).

Com esta comunicação, tornar-se-á mais visível a sua faceta de *camonista*, ou seja, de estudioso empenhado de Camões.

É um *filho da terra* – os seus progenitores mesclaram a etnia chinesa e portuguesa, facto atualmente reconhecido por todos. O seu centenário foi dignamente celebrado em 2007 (Rangel 2007); e recentemente duas teses académicas foram-lhe inteiramente dedicadas. A tese de doutoramento de Vanessa Sérgio, em 2012: *Macao: vie culturelle et littéraire d'expression portugaise au milieu du XXe siècle: Luís Gonzaga Gomes, 'Fils de la Terre'*; e a tese de Lili Han, com versão em livro, de 2018: *Luís Gonzaga Gomes, filho da terra: divulgador e tradutor de imagens da China e de Macau*. Estas duas foram antecededidas em 2008 pela tese de doutoramento de Maria Manuela Gomes Paiva: *Traduzir em Macau: ler o*

outro – para uma história da mediação linguística e cultural, que abrange o tradutor Luís Gonzaga Gomes, e ainda a dissertação de mestrado de Alexandra Sofia Rangel: *Filhos da Terra: a comunidade macaense, ontem e hoje*, defendida em 2010, publicada em 2012 e reeditada em livro em 2019. No seu estudo, esta autora destaca Luís Gonzaga Gomes como uma das três personalidades culturais de referência, a par de outros dois macaenses bem conhecidos: os escritores José dos Santos Ferreira e Henrique de Senna Fernandes (Rangel 2019:63).

Após a morte de Luís Gonzaga Gomes, diversos testemunhos e estudos permitem-nos conhecer a sua vida e a sua obra e como foi uma figura estimada e admirada. Monsenhor Manuel Teixeira (1912-2003) dedicou um texto à memória de Gonzaga Gomes logo após a sua morte no *Boletim do Instituto Luís de Camões* que este digira durante tantos anos e com tão copiosa colaboração própria (Teixeira 1976). Este *in memoriam* será reproduzido uma década mais tarde pela Direção dos Serviços de Educação. Benjamim Videira Pires (1916-1999), outro sacerdote que privou com Luís Gonzaga Gomes e que também tinha com ele afinidades intelectuais, tendo estudado e investigado a história de Macau e a presença portuguesa no Extremo-Oriente, prestou-lhe amistososo testemunho em 1984 (v. Ortet 2014), destacando a sua extensa e preciosa biblioteca e as obras que deveriam ser reeditadas como homenagem ao erudito historiador. Adé, ou José dos Santos Ferreira (1919-1993), esclarece numa entrevista que fora aluno de Gonzaga Gomes e que com ele tinha trabalhado nos jornais *Notícias de Macau* e *Renascimento* (v. Ortet 1984). Para além desse contacto diário, destacou a disponibilidade e o apoio desinteressado dele a *todos os que se dedicavam à cultura da sua terra*, tendo potenciado grandemente o início da carreira literária do próprio Adé (Ortet 2014).

Um dos interlocutores preferidos de Luís Gonzaga Gomes foi Túlio Lopes Tomás (1910-1995), antigo diretor dos Serviços de Educação. Amigo e admirador de Luís Gonzaga, dedicou-lhe textos na *Exposição fotobibliográfica: Luís Gonzaga Gomes* realizada em 1987, da qual há

catálogo, e na *Revista de Cultura*, nas edições portuguesa e inglesa, em que publicou o texto «Como vi Luís Gonzaga Gomes» (Tomás 1987, 1995). Jorge de Abreu Arrimar organizou essa exposição fotobibliográfica e redigiu as *notas biográficas* para o número 23 da *Revista de Cultura* (Arrimar 1987, 1995).

A professora e filóloga Graciete Nogueira Batalha (1925-1992), que privou literariamente com Luís Gonzaga Gomes e que selecionou e organizou postumamente alguns dos textos do historiador de Macau, dedicou-lhe a palestra *Luís Gonzaga Gomes e o intercâmbio cultural luso-chinês* proferida na sexta sessão do Cenáculo Luís Gonzaga Gomes, no dia 25 de junho de 1991, realizada no Hotel Mandarin. Este texto lido será publicado no volume III da coleção *Mosaico* em 2007, atestando o valor da sua perspetiva, que será retomada posteriormente por Vanessa Sérgio, aplicada agora às narrativas históricas de Luís Gonzaga Gomes (Sérgio 2018).

Mais recentemente, Beatriz Bastos da Silva, a autora da *Cronologia da História de Macau* (4 vols., 3.^a ed. reformulada e aumentada, 2015), que conheceu pessoalmente Luís Gonzaga Gomes, dedicou-lhe o testemunho «Em memória de Luís Gonzaga Gomes» no *Jornal Tribuna de Macau* de 18.03.2016. Ter-se-á apercebido da real dimensão da *multifacetada personalidade* de Gonzaga Gomes quando organizou e dirigiu o Arquivo Histórico de Macau, o qual recebera a preciosa biblioteca pessoal de Gonzaga Gomes, uma *coleção de livros, gravuras, fotografias, jornais, recortes.... e documentos pessoais (cartas, direções, tópicos)* (Silva 2016).

Dos recentes estudos e verbetes dedicados a Luís Gonzaga Gomes, destacam-se os de Celina Veiga de Oliveira (1996), António Aresta (2001, 2014, 2018), Teresa Sena (2011) e de Mônica Simas e Graça Marques (2016).

Deixámos para o fim um dos preciosos números da coleção *Mosaico* da autoria de Jorge Rangel, *No centenário de Luís Gonzaga Gomes*

(nov. 2007). Para além de apresentar uma breve antologia da *imagem que dele transmitiram diversas pessoas que com ele privaram, na vida profissional ou na atividade cultural e associativa* (2007:17-24), que completa o nosso inventário de testemunhos *na memória de quem o conheceu* ou estudou, neste volume fez-se o balanço positivo das comemorações de um século do nascimento de Luís Gonzaga Gomes. Em «Uma comemoração digna» (2007:7-11), mas também na secção «O início das comemorações» (2007:25-27), fica o leitor com uma ideia das referidas celebrações, que decorreram de julho de 2007 a julho de 2008.

Em julho de 2007, onze entidades da sociedade civil de Macau subscreveram um protocolo de cooperação no sentido de partilharem recursos e organizarem um condigno programa de celebração do centenário do nascimento desta figura de referência da comunidade macaense. O programa das atividades realizadas foi variado e compreendeu, no dia 11 de julho de 2007, data do aniversário do homenageado, uma missa no Cemitério de S. Miguel e homenagem junto da sua campa; a realização de palestras e a publicação de artigos sobre a sua vida e obra ou alusivos à efeméride: para além dos opúsculos já referidos de Graciete Batalha e de Jorge Rangel, foi publicado outro texto deste investigador no *Jornal Tribuna de Macau* (Rangel 2007), questionando se seria *um centenário esquecido?*; Luís Sá Cunha considerou «Luís Gonzaga Gomes emblema de Macau» na revista *Macau* e José de Carvalho e Rego, que foi seu aluno, testemunha sobre as facetas de *escritor e professor, sinólogo e investigador* de Gonzaga Gomes (Rego 2007). No Instituto Internacional de Macau (IIM) foi inaugurada a Sala Luís Gonzaga Gomes no mesmo dia em que se reativava o Cenáculo Luís Gonzaga Gomes, *numa lindíssima sessão levada a efeito no auditório do IIM* (Rangel 2007:26-27). Esta sala será a sede do Cenáculo e nela foram reunidos livros, fotografias, objetos e outros documentos relacionados com o seu ilustre patrono (Rangel 2007:27).

O prestígio de Luís Gonzaga Gomes na comunidade macaense é ainda atestado pelas várias homenagens que lhe foram concedidas

postumamente: o seu nome foi atribuído à rua de Macau onde hoje se situa a sede da Universidade Politécnica, bem como em 1986 a uma escola, a Escola Secundária Luso-Chinesa de Luís Gonzaga Gomes, que ostenta a designação atual desde 1989. O seu busto, uma criação do italiano Oseo Aconti (1905-1988) ergue-se desde 2002 numa zona nova da cidade de Macau, no Jardim das Artes. Pela sua copiosa e empenhada atividade cultural, foi ainda agraciado com o grau de Cavaleiro da Ordem do Infante D. Henrique pelo Estado Português (23.06.1969) e com o grau de cavaleiro da Ordem das Palmas de França. Foi-lhe atribuída a título póstumo a Medalha de Valor do Território de Macau (Sena 2011).

As atividades comemorativas propostas por Jorge Rangel em *No centenário de Luís Gonzaga Gomes (Mosaico VI, 2007:8-9)* continuam válidas e atuais, algumas aguardando a sua execução, e muito poderá ainda ser feito para homenagear esta figura cimeira da cultura de Macau.

2. Traduzindo, estudando, homenageando Camões

Nascido e criado em Macau, Luís Gonzaga Gomes encontrava-se num espaço muito estimulante para o conhecimento da vida e da obra do poeta Luís de Camões, situação a que ele não foi indiferente, primeiro como tradutor, depois igualmente como historiador das culturas chinesa e portuguesa e do forte intercâmbio entre elas, e ainda como homem de cargos públicos, destacando-se como conservador-diretor do Museu Luís de Camões, fundador do Instituto Luís de Camões e diretor do *Boletim do Instituto Luiz de Camões*.

O percurso que nos propomos delinear através dos estudos camonianos em Macau será sobretudo através de mais uma faceta do *humanista* Luís Gonzaga Gomes – o estudioso de Camões, o divulgador da sua vida e obra em Macau, o camonista. A pesquisa sobre os estudos camonianos em Macau revelou-se mais rica do que o inicialmente previsto, sendo razoavelmente extensa a bibliografia coligida quer de estudos monográficos quer, sobretudo, de artigos em periódicos; são

igualmente abundantes os factos e as instituições que estão associadas às efemérides camonianas durante todo o século XX. Dada a complexidade dos dados recolhidos, que não poderia ser resumida e analisada no espaço de uma comunicação, ocupar-nos-emos de modo bastante sintético das principais datas, atividades e bibliografia diretamente relacionadas com o camonista Luís Gonzaga Gomes. É esse o nosso propósito. A bibliografia camoniana de Macau, mais completa e rigorosa, será matéria de comunicação ou artigo posterior.

3. Luís Gonzaga Gomes e os estudos camonianos em Macau

As efemérides de Camões

Os *Anos Camonianos* correspondem essencialmente a duas datas da biografia do Poeta – o nascimento em 1524 e a morte em 1580, e a duas datas de publicação da sua obra, *Os Lusíadas* em 1572 e as *Rimas* em 1595. Essas efemérides foram comemoradas em Portugal ao longo dos tempos, nos séculos XIX e XX como festas nacionais, e determinaram o aparecimento de uma abundante literatura camoniana. Aquando dessas celebrações, geralmente foram organizadas exposições bibliográficas e iconográficas, programas radiofónicos, eventos musicais e recitais de poesia, teatro, etc. Essas atividades puderam mobilizar as instituições estatais e também a sociedade civil, e ocorreram nos mais variados espaços: escolas, universidades, bibliotecas, museus, teatros e também espaços abertos, jardins e ruas, como é o caso da romagem anual, no 10 de junho, que se faz em Macau, ao Jardim Luís de Camões, prestando-se homenagem junto do busto do Poeta na célebre *gruta* ou *penedos de Camões*. Sim, Macau tem celebrado sempre Camões, e Luís Gonzaga Gomes ajudou a que tal acontecesse, traduzindo-o e divulgando-o.

Nesta cronologia, aos eventos habituais, acrescentámos as datas camonianas respeitantes à vida de Gonzaga Gomes, o tradutor e historiador macaense de Camões:

VIDA E OBRA DE CAMÕES	RECEÇÃO DE CAMÕES EM MACAU
1524 - Nascimento de Luís de Camões.	1880 - Tricentenário da morte de Camões.
1562 - Camões viaja de Goa para Macau.	1923 - Primeira romagem <i>oficial</i> à gruta, em Macau.
1563-1564 - Camões estancia em Macau.	1924 - Quarto centenário do nascimento do Poeta.
1565 - Partida de Camões de Macau.	1936 - Abertura ao público do Museu Luís de Camões.
1572 - Publicação de <i>Os Lusíadas</i> em Lisboa.	1940 - Celebração do Duplo Centenário, da Fundação (1140) e da Restauração (1640) da nacionalidade.
1580 - Morte do Poeta.	1942 - LGG publica a tradução para cantonês de <i>Os Lusíadas contados às crianças e lembrados ao povo</i> .
1587 - Publicação do teatro de Camões.	1945 - LGG publica <i>A rocha dos cinco metais</i> .
1595 - Publicação da lírica de Camões.	1951 - LGG publica <i>A gruta de Camões</i> .
	1972 - Quarto centenário da publicação de <i>Os Lusíadas</i> . LGG publica <i>Representação iconográfica da gruta de Camões em Macau</i> ; e a 2.ª edição de <i>Os Lusíadas contados às crianças e lembrados ao povo</i> .
	1980 - Quarto centenário da morte do Poeta e celebração da Quinzena de Macau.
	1983 - José Joaquim Monteiro publica <i>Macau vista por dentro</i> .
	1986 - 3ª edição póstuma de <i>Os Lusíadas contados às crianças e lembrados ao povo</i> .

1880 – Tricentenário da morte de Luís de Camões e o *Álbum da gruta de Camões*

Cingindo-nos à cronologia proposta, começemos, pois pelo Tricentenário da morte de Luís de Camões celebrado em 1880. Destaca-se a figura de Lourenço Marques (1852-1911) que nasceu na propriedade onde está localizada a Gruta de Camões, na colina do Patane. Este estrangeirado é proveniente de uma influente e poderosa família de Macau, amante das letras e das artes (Aresta 2021:126). Neste ano camoniano, Lourenço Marques publica um ensaio sobre «Louis de Camoens» na *China Review* (Aresta 2021:27) e envia à Comissão Promotora da festa do Tricentenário de Luís de Camões o *Álbum da gruta de Camões*, que é o título da compilação de textos em verso e em prosa que os amigos e visitas da sua casa em Patane lhe foram oferecendo e que ele foi apaixonadamente colecionando. A festa realizar-se-á na noite do dia 10 de junho, no Clube Lusitano em Hong Kong. A colónia inglesa onde decorrerão as celebrações, para além de ter sido o local onde este cirurgião português exerceu a sua atividade em diversos hospitais civis, é onde teve e continuará a ter muitos amigos, mesmo após a sua aposentação e regresso a Macau.

A primeira notícia que se tem do *Álbum da gruta de Camões* encontra-se no documento *Memória dos festejos celebrados em Hong Kong por ocasião do Tricentenário do Príncipe dos Poetas Portuguezes Luiz de Camões* (Em Hongkong, 10 de junho de 1880). Apenas uma parte do *Álbum* é transcrita neste documento de 100 páginas impressas em Hong Kong. Na verdade, são alguns poemas saídos da pena inspirada de *cavaleiros portugueses e viajantes estrangeiros* que visitaram a *bela gruta de Camões em Macau* – citamos o autor da *Memória dos festejos*, J. J. da Silva e Souza. Este, para além de agradecer a amabilidade do *ilustre macaense* em lhes ter franqueado o dito álbum, reconhece-lhe a dedicação patriótica ao procurar *conservar e embelezar o sítio ameno que deu abrigo ao grande Luís de Camões* (Teixeira 1977:192) e sobretudo ao

erguer, em 1840, um *monumento sob a forma d'um pórtico, atrás do qual foi colocado um pedestal* com o busto do Poeta. Para saber-se mais pormenores sobre estas figuras e as celebrações do 10 de junho de 1880 veja-se Teixeira 1977:191-198.

Doze anos depois, aquando da tentativa de realização do Congresso Internacional dos Orientalistas em Lisboa, voltamos a ter conhecimento do *Álbum da gruta de Camões* através da existência de uma cópia enviada à Sociedade de Geografia de Lisboa pelo Governo de Macau (AA.VV. 1893). Embora o *Álbum* tenha sido reproduzido por Manuel Teixeira (1977:171-191) e em Braga 2019, queremos destacar a sua publicação em 1980 no número temático do *Boletim do Instituto Luís de Camões*, publicação de que Luís Gonzaga Gomes foi diretor e assíduo colaborador. Aí surge com o título mais completo *Álbum da Gruta de Camões: trechos em prosa e verso de um album pertencente a Lourenço Marques, antigo proprietário da gruta de Camões (Macau)*. Um século após o tricentenário da morte de Camões voltavam, pois, a ver luz esses textos de inspiração camoniana, em verso e em prosa, da lavra de *autores portugueses, franceses, espanhóis, italianos, ingleses, norte-americanos e brasileiros* (Braga 2019:470), na sua maioria mal conhecidos e que prestavam tributo ao autor de *Os Lusíadas*. Quer o *Álbum*, quer o número temático do *Boletim* mereciam um estudo mais respeitoso e uma reedição.

1923 – Primeira romagem à gruta

Os penedos na colina de Patane, ou como mais têm sido concebidos - a gruta de Camões, são *uma espécie de santuário de Portugal no Extremo Oriente* (para utilizar uma expressão de Duarte Braga), a ela regressamos, dela partimos ou reiniciamos a viagem. Manuel Teixeira graceja até, na nótula introdutória ao seu livro *A Gruta de Camões em Macau* (1977, 1999a), que *Vir a Macau e não visitar a Gruta é como ir a Roma e não ver o Papa* (1999a:3).

Socorrendo-nos da voz de dois investigadores, resumiremos deste modo o início da tradição oficial das romagens anuais à gruta de Camões e o valor das mesmas, no dia 10 de Junho, atual Dia de Portugal, de Camões e das Comunidades Portuguesas:

A primeira romagem à Gruta foi feita em 1923 por iniciativa do então Governador de Macau, Rodrigo Rodrigues, [...] um patriota exaltado e fervoroso cultor de Camões [...] que logo no primeiro ano da sua chegada a Macau convidou as escolas e as forças armadas para irem à Gruta homenagear o épico. [...] foi ele que enalteceu o vulto imortal do poeta e a sua emoção foi tão profunda que desatou a chorar, tendo de interromper o discurso.

Teixeira 1999a:67-68

Ainda hoje, todos os anos, instituições de matriz portuguesa, nas quais se incluem associações macaenses, e escolas de Macau, incluindo, como não podia deixar de ser, a Escola Portuguesa de Macau e o Jardim de Infância D. José da Costa Nunes, continuam a participar na cerimónia do 10 de Junho, desfilando perante o busto do maior poeta português e colocando flores no respetivo pedestal. Alunos da Escola Portuguesa de Macau e da Escola Secundária Luís Gonzaga Gomes declamam sonetos de Camões em, respetivamente, português e cantonense e grupos de danças e cantares atuam no local.

Rangel 2020b

Para além do simbolismo de um dia em que se canta *A Portuguesa* no jardim do Consulado Geral de Portugal em Macau e Hong Kong e se realiza a tradicional romagem à gruta de Camões, visa-se principalmente expressar votos de amizade entre as gentes sino-lusas, o povo português e o de Macau e da China (Vinagre 2024), tal como propugnou Luís Gonzaga Gomes através da sua obra e da sua atividade de tradutor.

1924 – O quarto centenário do nascimento do Poeta e o texto de Camilo Pessanha

Em 1924 assinala-se o quarto centenário do nascimento do Poeta. Em Lisboa, em junho, é apresentada a Exposição Camoniana da Imprensa Nacional e, a 4 de novembro, é inaugurada a Cadeira de Estudos Camonianos na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. No Brasil, é fundada a Sociedade de Estudos Camonianos.

E em Macau? Manuel Teixeira descreve-nos as atividades do Dia de Camões em 1924:

O dia 10 de junho foi verdadeiramente um dia de festa em Macau. A cidade vestiu-se de galas nesse dia e os seus habitantes cheios de entusiasmo e levados dos mais puros sentimentos de amor pátrio, acorreram pressurosos a cobrir de flores o busto do grande épico.

Teixeira 1977:69-70

E continua nesse tom de enaltecimento a relatar-nos a romagem diurna à gruta.

Passando ao relato das festividades à noite, cuja sessão solene se passava no Leal Senado, Manuel Teixeira enumerou as figuras ilustres presentes e entre elas encontrava-se o professor Camilo Pessanha (1867-1926). Importa-nos destacar este professor de Luís Gonzaga Gomes, pois é em 1924, há distância de 100 anos deste Congresso e quando Gonzaga Gomes era já um jovem, que ele publicou no semanário *A Pátria* o seu famigerado artigo *Macau e a gruta de Camões* (7.07.1924). O seu estudo terá várias edições posteriores e relaciona-se com o tema camoniano glosado por Luís Gonzaga Gomes: *A Gruta de Camões* (1951), *A rocha dos cinco metais* (1952), *Representação iconográfica da Gruta de Camões em Macau* (1972).

1942 – Uma tradução pioneira com reedições

Se no âmbito dos estudos camonianos em Macau, o texto de Camilo Pessanha pode ser considerado fundador, outro tanto se poderá dizer sobre o valor da tradução para cantonês de *Os Lusíadas*, *contados às crianças e lembrados ao povo*, a conhecida adaptação em prosa de João de Barros, por Luís Gonzaga Gomes e Tcheung Iêk Tchi.

A sua primeira edição data de 1942 e foi financiada pela Comissão dos Centenários da Fundação e Restauração. A sua segunda edição tem uma justificação plenamente literária, embora com Camões a componente *nacionalista* ou *patriótica* dificilmente esteja arredada da discussão. De facto, em 1972 ocorria uma grande efeméride camoniana: celebrava-se o quarto centenário da publicação de *Os Lusíadas*. Ainda ocorreu uma terceira edição póstuma de *Os Lusíadas* vertidos em prosa por João de Barros e traduzidos para cantonês pela dupla que referimos, em 1986. Uma reedição com uma singularidade: o livro está enriquecido com ilustrações dos alunos das escolas secundárias e é patrocinado pelo Departamento de Educação de Macau.

1951 – A representação iconográfica da ‘Gruta de Camões’

Na década de 50, Luís Gonzaga Gomes participa na *Mosaico*, revista literária mensal e trilingue, publicada pelo Círculo Cultural de Macau, que dinamizava a vida cultural da cidade de então. Em julho de 1951, colabora no núm. 11 deste periódico com o artigo «A Gruta de Camões» (Gonzaga 1951).

Nele irá escrever sobre a célebre *aglomeração rochosa*, originalmente designada *Penedos de Camões* e, no tempo do articulista e ainda hoje, mais conhecida por *Gruta de Camões*. Nem neste texto, nem, como veremos, no que publicará 21 anos depois sobre o mesmo assunto, irá Gomes aprofundar as três questões que se colocam habitualmente aos camonistas:

- a) Estada de Camões em Macau;
- b) Exercício do cargo de provedor-mor de defuntos e ausentes; e
- c) A possibilidade de o poeta ter composto uma parte d’*Os Lusíadas* em Macau, no local que, por este motivo, veio a ser conhecido por «Gruta de Camões».

Gomes 1972:323-324

Sobre a *verdade historiográfica* da estadia de *Camões em Macau* vejam-se os estudos atuais, devidamente fundamentados, de Eduardo Ribeiro, participante neste Congresso.

A abordagem de Gonzaga Gomes acontece no domínio da história da arte em Macau, como está claramente expresso no título de 1972: «Representação iconográfica da Gruta de Camões em Macau». Ambos os artigos das revistas têm 9 páginas e contém ilustrações, mas as páginas do número especial da revista *Garcia de Orta* são de maiores dimensões, apresentando mais informação, tendo as 12 imagens reproduzidas dado lugar a 18.

O autor parece ter desvalorizado a aprazibilidade do lugar camoniano: dos enaltecedores parágrafos de 1951 - *Não há em Macau sítio mais notável nem mais aprazível que um pequeno morro [...]*, onde o Vate

se deixaria inspirar pelo remansoso silêncio, pela formosura natural de tão edénico local e pela beleza da paisagem que dali avistava, para escrever parte da grande epopeia que o imortalizou.

Gomes 1951:282

... passou para a seguinte descrição, deveras negativa, de 1972:

O morrozito [...], nada tendo de inspirador, a não ser, talvez, a paisagem que, então, dali se poderia desfrutar. O exíguo espaço interno da anta não deveria ser nada convidativo, pois, no Verão, a ardência de um sol tropicalmente abrasador sobreaqueceria os rochedos que a formam, transformando-a num forno e, estando ela aberta de dois lados opostos, as lufadas de frígida nordestia no

Inverno, não deixariam de molestar, incomodamente, quem nela se abrigasse, tornando-a sítio indesejado para repouso.

Gomes 1972:233

Como quer que seja, o seu propósito era historiar a iconografia camoniana, pois, ao longo dos tempos, *a fama e a beleza do sítio onde está situada a Gruta de Camões inspiraram vários artistas* (Gonzaga 1951:293). Este estudo foi plenamente conseguido. Monsenhor Manuel Teixeira, que no opúsculo *Camões em Macau* já afluara o tema (Teixeira 1940), iria integrá-lo no seu livro *A Gruta de Camões em Macau* (Teixeira 1977:159-168;213-232).

1972 – IV centenário da publicação de *Os Lusíadas*

Todavia, o ano gordo será 1972. Luís Gonzaga Gomes está vivo, em plena atividade criativa, e publicará neste ano o seu principal estudo sobre Camões. A Comissão Executiva do IV Centenário da Publicação de *Os Lusíadas* encarregar-se-á de programar e estimular a receção camoniana, crítica e criativa, em Macau. Vejamos de modo sucinto quem são os camonistas, as suas produções e algumas das suas temáticas explícitas nos títulos.

A efeméride camoniana de 1972 foi devidamente desenhada quer na metrópole quer nas províncias ultramarinas, incluindo Macau, podendo-se conhecer o seu programa na edição intitulada *Comemorações camonianas no ultramar: programas*, Lisboa: Junta de Investigação do Ultramar, 1972. Mesmo sem termos conseguido consultar esse programa oficial, é possível evidenciar que ocorreram reedições importantes: o artigo de Camilo Pessanha, *Macau e a gruta de Camões* (Pessanha 1924) e a segunda edição da versão chinesa de *Os Lusíadas, contados às crianças e lembrados ao povo*, a adaptação em prosa de João de Barros com tradução para cantonês por Luís Gonzaga Gomes e Tcheung Iêk Tchi (Gomes 1942).

Por outro lado, algumas figuras de referência da cultura e da sociedade da época, que conviveram de perto com Luís Gonzaga Gomes, chegando a rivalizar com este em alguns aspetos dos seus trabalhos de investigação, como é o caso de Manuel Teixeira no que concerne ao tratamento do tema da Gruta de Camões, apresentam-se nesta efeméride com participações bastante diferenciadas sobre a vida, a obra ou a época de Luís de Camões. Em geral, já tinham escrito e/ou viriam a escrever algo mais sobre o Poeta renascentista, ou terão sido por ele inspirados criativamente. São os casos mais evidentes de Manuel Teixeira, da professora Graciete Batalha e de Túlio Lopes Tomás.

Túlio Lopes Tomás (1910-1995), antigo diretor dos Serviços de Educação, que notámos ser amigo e admirador de Luís Gonzaga, era licenciado em Ciências Físico-Químicas pela Universidade de Lisboa. A sua área de formação tê-lo-á motivado a publicar a conferência *Os Lusíadas e a ciência do Renascimento* neste ano camoniano; em 1980 publicará *Tempo, Esperança e Mutações na Obra Camoniana*, e em 1984 publica na revista *Nam Van*: «Em Macau, Camões revivido».

No campo dos estudos camonianos em Macau, Monsenhor Manuel Teixeira (1912-2003) tinha publicado *Camões em Macau: contribuições para o estudo do problema* (1940); *A gruta de Camões em Macau* (1977 || 2.^a ed., 1999a). No dia 10 de junho de 1972 publica no jornal *Notícias de Macau* quatro composições poéticas, duas das quais referindo-se diretamente à Gruta de Camões: «Glória a Camões», «Glória de Portugal», «Glória de Macau» e «A Voz da Gruta». Mais tarde, na década de 80, publicará ainda os textos «Camões em Macau / Camões in Macau» (Teixeira 1980a; 1980b), «Cristo nos Lusíadas: discurso proferido no Dia de Camões» (Teixeira 1980c), e *Camões esteve em Macau* (1980d com reed. em 1999b).

A professora e filóloga Graciete Nogueira Batalha (1925-1992), que publicara em 1954, na *Mosaico*, o artigo *As inspiradoras da lírica camoniana à luz da crítica moderna*, irá proferir em 1972 a conferência

Camões Satírico, no salão nobre do Leal Senado da Câmara de Macau, no encerramento das comemorações do 4.º Centenário da publicação de *Os Lusíadas*. Na próxima efeméride camoniana, o quarto centenário da morte do Poeta em 1980, escreverá ainda *Presença atual de Camões em Goa* e em 1985, *Camões, o poeta, o combate*.

É neste ano camoniano que Luís Gonzaga Gomes publica *Representação iconográfica da gruta de Camões em Macau*. Intencionalmente deixámos para o fim este texto de Luís Gonzaga Gomes. Foi publicado no monumental número especial de *Garcia de Orta – revista da Junta de Investigações do Ultramar*, e que é uma *Edição comemorativa do IV Centenário de Publicação de ‘Os Lusíadas’*. Como vimos, trata-se de um artigo extenso com 9 páginas de grandes dimensões e 18 imagens, ampliando a informação contida no artigo de 1951 da revista *Mosaico*.

O tema também já tinha sido afluído por Manuel Teixeira, 32 anos antes, em *A gruta de Camões* (1940b). Luís Gonzaga Gomes conhece o texto, pois numa nota de rodapé do seu artigo corrige uma data. Em 1977, na obra *A gruta de Camões em Macau*, publicada após o falecimento de Gomes, Manuel Teixeira reagirá: na segunda parte do seu estudo que constitui uma «Antologia sobre a gruta», constam dois textos camonianos de Luís Gonzaga Gomes, sendo um deles o mais extenso da antologia «Representação iconográfica da Gruta de Camões em Macau» (Teixeira 1977:159-168). E aí o investigador e historiador retificará um cálculo temporal efetuado pelo colega de pesquisa. Não são rivalidades: Luís Gonzaga Gomes usa como fonte do seu texto o estudo de Manuel Teixeira de 1940b, e este, por sua vez, no estudo de 1977, não só transcreve todo o texto de Luís Gonzaga Gomes, para além de outro de menores dimensões, como inclui toda a iconografia apresentada, referindo claramente que é uma reprodução de boa seara alheia. Há registo fotográfico de ambos jantando à mesa num restaurante, frente a frente, em dia festivo.

1980 – IV centenário da morte do Poeta

A viagem encetada era ambiciosa, para não dizer excessiva. E, portanto, em jeito de conclusão, destacarei mais uma efeméride camoniana: o IV centenário da morte do poeta, em 1980. É outro ano gordo, recheado de atividades festivas. Mas Luís Gonzaga Gomes infelizmente já falecera precocemente, em 20 de março de 1976.

De modo muito sucinto, diremos que foram organizadas exposições bibliográficas e iconográficas (em escolas e na Biblioteca Nacional / Leal Senado); reeditaram-se obras camonianas ou sobre Camões; o *Boletim do Instituto Luís de Camões* dedicou o seu espaço a publicações celebrativas do Poeta, retomando e reelaborando temas já enunciados e reproduzindo de novo o precioso *Álbum da Gruta de Camões*, compilado pelo extraordinário Lourenço Marques, álbum que remonta a 1880. No *Boletim*, entre outros artigos, gostaríamos de ter consultado o intitulado «Edições de *Os Lusíadas* em Macau», da autoria da historiadora Beatriz Basto da Silva. Mas há publicações assim: antigas, fora do mercado e de difícil acesso.

Para terminar com duas notas eufóricas: nesta efeméride camoniana, o escritor José dos Santos Ferreira profere na Rádio Macau o texto em patuá *Luís Vaz di Camões*, o qual inclui poemas camonianos («Esparsa ao desconcerto do mundo» e «Descalça vai para a fonte») e um de sua autoria («Camões, grândi na naçâm») redigidos no dialeto de Macau.

O texto está integrado nas *Obras Completas*, e seria de considerar ainda fazer uma publicação autónoma, bilingue, nos 500 anos do nascimento de Camões. Quando o texto foi integrado em *Camões, grândi na naçâm: dialecto macaense* (1982), incluiu a alocução que proferiu na Rádio Macau por ocasião das comemorações do 4.º Centenário da morte de Camões em 1980, e apresentava também a vida do Poeta e «Máximas – Pensamentos – Sentenças: extraídos de obras de Camões e adaptados no dialecto macaense» (Ferreira 1982:35-42). Para além de na obra

impressa destacar que *O dialecto personifica o bom e antigo macaense, português dos quatro costados* (1982:12). O seu autor dedica-a *A todas as comunidades portuguesas espalhadas pelas sete partidas do Mundo, pedindo-lhes que guardem Portugal sempre no coração*. Camões dito em várias línguas simboliza a união dos povos ou comunidades lusófonas pelos quatro cantos do mundo repartidas.

Herdeiro do húmus gomesiano, nele se inspirando como fonte histórica (Monteiro 1983:430), J. J. Monteiro publica a sua obra-prima que é uma sentida epopeia de Macau, concebida muitos anos antes da sua publicação: *Macau vista por dentro* (1983). Lançando mãos a uma paleta variegada de tons e modos literários, lírico, épico, narrativo humorístico, o autor canta, ao gosto popular, *a história, as paisagens, os monumentos, as lendas, os costumes, as festas, as comidas, as diversões, numa palavra, tudo o que há interessante, em MACAU* (Macau 2020).

Conclusão

A melhor homenagem que se pode prestar a Luís Gonzaga Gomes será ler e reeditar as suas obras. No contexto da sua importância para os estudos camonianos, sugerem-se as seguintes publicações e/ou reedições de textos sobre Camões:

1. O número temático do *Boletim do Instituto Luís de Camões* de 1980.
2. O *Álbum da Gruta de Camões*, coligido por Lourenço Marques, datado de 1880.
3. Edição de uma coletânea, *Camoniana Macaense*, com os textos camonianos publicados avulsamente em periódicos, de Luís Gonzaga Gomes, de Graciete Batalha e de Manuel Teixeira.
4. Edição da bibliografia camoniana, *Bibliografia Camonística de Macau*, que está na base desta comunicação, com mais espécimes e indicação dos locais onde se encontram exemplares na Biblioteca Pública de Macau.

5. Levantamento dos bustos e outra estatuária consagrada ao Poeta em Macau e publicação de um álbum com essa iconografia.

Camoniana de Luís Gonzaga Gomes

1942 – *Os Lusíadas, contados às crianças e lembrados ao povo*, adaptação em prosa de João de Barros, tradução para cantonês de L. G. Gomes e Tcheung Iêk Tchi. Macau: Comissão dos Centenários da Fundação e Restauração: Imprensa Nacional || 1972 – 2.^a ed. Comissão Executiva do IV Centenário da Publicação de Os Lusíadas, Macau: Imp. Nacional, 1972 || 1986 – 3.^a ed. com ilustrações dos alunos das escolas secundárias, Macau: Departamento de Educação.

1945 – A rocha dos cinco metais, redigido em 26-VI-1942 e publicado em *Curiosidades de Macau antiga*, Renascimento, 1945 || Reed. Macau: Notícias de Macau, 1952 | Reed. Macau: Instituto Cultural, 1996:77-82. Reproduzido em Teixeira, *A Gruta de Camões em Macau*, Macau: Imprensa Nacional, 1977:155-159 (excerto da ed. de 1952 de *Curiosidades de Macau Antiga*) || 2.^a ed. da obra de Manuel Teixeira, jun. 1999, Macau: Fundação Macau e Instituto Internacional de Macau, com a mesma numeração de páginas dos textos.

1951 – A gruta de Camões, *Mosaico*, vol. II, núm. 11, 282-290, Macau || 2000, reprod. em *Mosaico: órgão do Círculo Cultural de Macau*, reed. fac-similada, vol. 2, Macau: Fundação Macau / Editora Mar-Oceano.

1969 – Os inícios da cidade de Macau, *Boletim do Instituto Luís de Camões*, vol. III, núm. 3-4, 271-295.

1972 – Representação iconográfica da gruta de Camões em Macau, *Garcia de Orta: revista da Junta de Investigação do Ultramar*, número especial comemorativo do 4.^o Centenário da publicação de 'Os Lusíadas', Lisboa: Junta de Investigações do Ultramar, 323-331, texto seguido de 9 págs. de ilustrações (hors de texte) || Reproduzido em Teixeira 1977, *A Gruta de Camões em Macau*, Macau: Imprensa Nacional, 159-168, transcrição sem as notas e a iconografia originais. || 1999, 2.^a ed. da obra de Manuel Teixeira, Macau: Fundação Macau e Instituto Internacional de Macau.

1973 – Museu Luís de Camões, *Boletim Instituto Luís de Camões*, vol. VII, núm. 3 (outono 1973), Macau: Imprensa Nacional (271-323).

Referências

- AA.VV. (1893) Album da gruta de Camões, *Boletim da Sociedade de Geografia*, série 12, núm. 2, Lisboa: Imprensa Nacional, 81-100.
- AA.VV. (1980) Álbum da gruta de Camões: trechos em prosa e verso de um álbum pertencente a Lourenço Marques, antigo proprietário da gruta de Camões (Macau), *Boletim do Instituto Luís de Camões*, Macau, vol. 14, núm. 1-4, 193-213.
- Aresta, António (2001) O Professor Luiz Gonzaga Gomes e a divulgação pedagógica da cultura chinesa, *Administração: Revista de Administração Pública de Macau* = 行政: 澳門公共行政雜誌, ed. bilingue em chinês e português, vol. XIV, núm. 54, 1535-1558.
- Aresta, António (2014), Luís Gonzaga Gomes, *Figuras de jade I: os portugueses no Extremo Oriente*, Macau: Instituto Internacional de Macau, 116-119.
- Aresta, António (2018), Luís Gonzaga Gomes, *Figuras de jade II: os portugueses no Extremo Oriente*, Macau: Instituto Internacional de Macau, 94-95.
- Aresta, António (2021) *Figuras de jade III: os portugueses no Extremo Oriente*, Macau: Instituto Internacional de Macau.
- Arrimar, Jorge de Abreu (1987) *Exposição fotobibliográfica: Luís Gonzaga Gomes* = 高美士圖片資料展覽 = *Photobibliographical exhibition*, Macau: Instituto Cultural de Macau / Biblioteca Nacional / Arquivo Histórico.
- Arrimar, Jorge de Abreu (1995) [Luís Gonzaga Gomes: biographical notes](#), *Review of Culture – English edition*, 2nd series, núm. 23, 122-130.
- Batalha, Graciete Nogueira (1954) As inspiradoras da lírica camoniana à luz da crítica moderna, *Mosaico*, vol. VIII, núm. 47-49, 77-95.
- Batalha, Graciete Nogueira (1972) *Camões Satírico*, conferência no salão nobre do Leal Senado da Câmara de Macau, no encerramento das comemorações do 4.^o Centenário da publicação de *Os Lusíadas*.
- Batalha, Graciete Nogueira (1979) Prefácio, Luís Gonzaga Gomes, *Macau, factos e lendas: páginas escolhidas*, rev. Lúcia Mendanha; fot. Victor Marreiros; capa e design Paula Seabra. Lisboa: Quinzena de Macau, 5-7.

- Batalha, Graciete Nogueira (1980) Presença actual de Camões em Goa, *Boletim do Instituto Luís de Camões*, vol. 14, núm. 1-4, 99-118 e 4 gravuras || 1982, in AA.VV., *Língua e cultura portuguesas em Goa: estado actual*, Macau: Serviços de Educação e Cultura de Macau, 95-112.
- Batalha, Graciete Nogueira (1985) Camões, o poeta, o combate, *O Clarim*, Macau, 38-6, 7.06 [9].
- Batalha, Graciete Nogueira (2007) *Luís Gonzaga Gomes e o intercâmbio cultural luso-chinês*, Macau: Instituto Internacional de Macau, col. *Mosaico* III: «O texto dado aqui à estampa foi lido pela Dra. Graciete Nogueira Batalha no dia 25 de junho de 1991, na ‘Sala Bocage’ do Hotel Mandarin, na sessão sexta do Cenáculo, dedicada à evocação do seu patrono, Luís Gonzaga Gomes».
- Botas, João (2009) [Luís Gonzaga Gomes: 1907-1976](#), *Macau Antigo*, 29.05.
- Braga, Duarte Nuno Drumond (2019) Leal Senado de Macau: Álbum da Gruta de Camões, Marta Pacheco Pinto (coord.), *A participação portuguesa nos congressos internacionais de orientistas (1873-1973): textos e contextos*, Vila Nova de Famalicão: Húmus, 470-496.
- Cunha, Luís Sá (2007) Luís Gonzaga Gomes emblema de Macau: 100 anos do nascimento, revista *Macau online*, Macau, s.d.
- Ferreira, José dos Santos (1982) *Luís Vaz di Camões*, Alocução proferida na Rádio Macau, por ocasião das comemorações do 4.º Centenário da morte de Camões em 1980, Primeira parte da obra *Camões, grândi na naçâm: dialecto macaense*. Macau: Fundação A-Má-Kók com o patrocínio do Ministério da Cultura, 21-42
- Ferreira, José dos Santos (1996) Luís Vaz di Camões, *Papiaçâm di Macau*, vol. 2 das Obras completas de José Inocêncio dos Santos Ferreira, Macau: Fundação Macau, 217-220 (Ferreira 1982).
- Ferreira, Liane (2016) O renascer do Cenáculo Luís Gonzaga Gomes, *Jornal Tribuna de Macau*, 13.12.
- Gomes, Luís Gonzaga (1961-1965) *Catálogo dos manuscritos de Macau*, 6 vols., Lisboa: Centro de Estudos Históricos Ultramarinos. Boletim da Filмотeca Ultramarina Portuguesa.
- Gomes, Luís Gonzaga (1973) Bibliografia macaense, *Boletim Instituto Luís de Camões*, vol. VII (1), 51-106; 7(2): 107-183; 7(3): 197-260; 7(4): 411-416 || (1987) 2.ª ed. fac-similada, Macau: Instituto Cultural.
- Han, Lili (2018) [Luís Gonzaga Gomes, filho da terra: divulgador e tradutor de imagens da China e de Macau](#), Tese de doutoramento, Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- Macau, Instituto Cultural de (1986) *Luís Gonzaga Gomes: uma vida*, Macau: Instituto Cultural de Macau.
- Macau, Instituto Internacional de (2020) *Macau vista por dentro – José Joaquim Monteiro*, Facebook do Instituto Internacional de Macau, 17.12.
- Monteiro, José Joaquim (1983) *Macau vista por dentro*, Macau: Direcção dos Serviços de Turismo, Imprensa Nacional || (2020) 2.ª ed., Macau: Instituto Internacional de Macau.
- Oliveira, Celina Veiga de (1996) Pedro Nolasco da Silva e Luís Gonzaga Gomes: sinólogos e ilustres macaenses, *Administração* vol. 12, núm. 44, 319-349.
- Ortet, Luís (1984) Recordando Luís Gonzaga Gomes. Complementam o artigo quatro entrevistas de personalidades destacadas de Macau que falavam sobre Luís Gonzaga Gomes: José dos Santos Ferreira; Padre Manuel Teixeira; Padre Videira Pires; Túlio Tomaz, *Nam Van*, Macau, núm. 4, 35-40.
- Ortet, Luís (2014) [Recordando Luís Gonzaga Gomes](#), *Crónicas Macaenses*, de 05.12; [Adé e Pe. Teixeira falam sobre Luís Gonzaga Gomes](#), *Crónicas Macaenses*, 07.12; [Luís Gonzaga Gomes sob o ponto de vista de Pe. Videira e Túlio Tomaz](#), *Crónicas Macaenses*, 10.12. (Ortet 1984).
- Paiva, Maria Manuela Gomes (2008) [Traduzir em Macau: ler o outro, para uma história da mediação linguística e cultural](#), Tese de doutoramento, Lisboa: Universidade Aberta.
- Pessanha, Camilo (1924) Macau e a gruta de Camões, *A Pátria*, Macau, 07.06, com reedições.
- Rangel, Alexandra Sofia de Senna Fernandes Hagedorn (2010) [Filhos da Terra: a comunidade macaense, ontem e hoje](#), Dissertação de mestrado, Lisboa: Faculdade de Letras na Universidade de Lisboa || (2012) 2.ª ed., Macau: Instituto Internacional de Macau || (2019) reimp., Macau: Instituto Internacional de Macau.
- Rangel, Alexandra Sofia (2020a) [Notas sobre três referências culturais da comunidade macaense](#), *Revista Oriente Ocidente*, Macau: Instituto Internacional de Macau, 02.06.

- Rangel, Alexandra Sofia (2020b) [Principais festividades tradicionais da comunidade macaense](#), *Revista Oriente Ocidente*, Macau: Instituto Internacional de Macau, 09.06.
- Rangel, Jorge Alberto Hagedorn (2007a) Luís Gomes - um centenário esquecido?, *Jornal Tribuna de Macau*, 09.07.
- Rangel, Jorge Alberto Hagedorn (2007b) *No centenário de Luís Gonzaga Gomes*, Macau: Instituto Internacional de Macau, «col. Mosaico» vol. VI; Edição integrada no programa das comemorações do Centenário do Nascimento de Luís Gonzaga Gomes (mar. de 2007 / jul. de 2008).
- Rangel, Jorge Alberto Hagedorn (2008) *Homenagem a Luís Gonzaga Gomes no centenário do seu nascimento*, Conferência na Casa de Portugal, Macau, 15.05.
- Rego, José de Carvalho e (2007) Luís Gonzaga Gomes: escritor e professor, sinólogo e investigador, *Macau: figuras de relevo do passado*, Macau: s.n., 412-426.
- Ribeiro, Eduardo (2020) *Camões em Macau: uma verdade historiográfica*. 2.^a ed., revista e atualizada, pref. João Paulo Oliveira e Costa, Lisboa: Mythus de Er.
- Sena, Teresa (2011) [Luís Gonzaga Gomes](#), *DITEMA: dicionário temático de Macau* dir. de Maria Antónia Espadinha, Macau: Universidade de Macau, 633-636.
- Sérgio, Vanessa (2012) [Macao: vie culturelle et littéraire d'expression portugaise au milieu du XXe siècle: Luís Gonzaga Gomes, 'Fils de la Terre'](#), Thèse de Doctorat Nouveau Régime en Langues, Littératures et Civilisations Romanes: Portugais, Nanterre la Défense, França: Université Paris Ouest.
- Sérgio, Vanessa (2018) *Prémices des relations luso-chinoises et échanges interculturels dans les récits historiques de Luís Gonzaga Gomes*, *Carnet du CREOPS* (3 jul.).
- Silva, Beatriz Basto da (2016) [Em memória de Luís Gonzaga Gomes](#), *Jornal Tribuna de Macau*, 18.03.
- Simas, Mônica; Graça Marques (2016) Luís Gonzaga Gomes, *Contributos para o estudo da literatura de Macau: trinta autores de língua portuguesa*, Macau: Instituto Cultural do Governo da R.A.E.M, 145-153.
- Teixeira, Manuel (1940a) *Camões em Macau: contribuições para o estudo do problema*, Macau: Imprensa Nacional.
- Teixeira, Manuel (1940b) *A gruta de Camões*, Macau: Imprensa Nacional.
- Teixeira, Manuel (1972) [quatro poemas: «Glória a Camões», «Glória de Portugal», «Glória de Macau» e «A Voz da Gruta»], *Notícias de Macau*, 10.06.
- Teixeira, Manuel (1976) À memória de Luís Gonzaga Gomes, *Boletim do Instituto Luís de Camões*, Macau, vol. 10, núm. 1-2, 145-159.
- Teixeira, Manuel (1977) *A gruta de Camões em Macau*, Macau: Imprensa Nacional.
- Teixeira, Manuel (1980a) Camões em Macau / Camões in Macau, *Boletim do Instituto Luís de Camões*, Macau, vol. 14, núm. 1-4, 1-32;41-61.
- Teixeira, Manuel (1980b) Camões em Macau, *Boletim Eclesial da Diocese de Macau*, vol. 78, núm. 905, 8-15.
- Teixeira, Manuel (1980c) Cristo nos Lusíadas: discurso proferido pelo Pe. Manuel Teixeira no Dia de Camões, *Boletim do Instituto Luís de Camões*, Macau, vol. 14, núm. 1-4, 145-157.
- Teixeira, Manuel (1980d) *Camões esteve em Macau*, Macau: Direcção de Serviços de Estatística e Censos.
- Teixeira, Manuel (1986) À memória de Luís Gonzaga Gomes, *Liceu de Macau*, Macau: Direcção dos Serviços de Educação, 466-481 (Teixeira 1976).
- Teixeira, Manuel (1999a) *A gruta de Camões em Macau*, 2.^a ed., Edição especialmente feita para ser apresentada junto à Gruta durante o Colóquio 'Homenagem a Luís de Camões – poeta Universal', da Organização Mundial de Poetas. Macau, Junho de 1999, Macau: Fundação Macau / Instituto Internacional de Macau. Esta ed. respeita a primitiva paginação da edição da Imprensa Nacional de 1977, eliminando-lhe a parte III, de iconografia da Gruta. (Teixeira 1977).
- Teixeira, Manuel (1999b) *Camões esteve em Macau*, Macau: Fundação Macau e Instituto Internacional de Macau (Teixeira 1980d).
- Tomás, Túlio Lopes (1972) *Os Lusíadas e a ciência do Renascimento*, Macau: Imprensa Nacional.
- Tomás, Túlio Lopes (1980) Tempo, Esperança e Mutações na Obra Camoniana, *Macau 1*, Macau, 14-17.

- Tomás, Túlio Lopes (1984) Em Macau, Camões revivido, *Nam Van* 3, Macau, 45-50.
- Tomás, Túlio Lopes (1987) Depoimento de um amigo e admirador, Jorge de Abreu Arrimar, *Exposição fotobibliográfica: Luís Gonzaga Gomes*, Macao: Instituto Cultural de Macau, Biblioteca Nacional – Arquivo Histórico, 27-32 (Arrimar 1987).
- Tomás, Túlio Lopes (1995) Como vi Luís Gonzaga Gomes, *Revista de Cultura*, Edição Portuguesa, série 2, núm. 23, Macau, 118-122. Cf. Túlio Tomás e Luís Gonzaga Gomes, Nota introd. ao artigo pela redação da *Revista de Cultura*, 117.
- Vinagre, André (2024) [Dia de Portugal assinalado em Macau com votos de amizade entre os povos](#), *Ponto Final*, Macau, 11.06, 5.

Canoa, José Carlos (2025) Luís Gonzaga Gomes, o camonista de Macau, in Felipe de Saavedra, ed., *Atas do I Congresso Internacional do Meio Milénio de Camões, Macau 24-25 de fevereiro de 2024*, Macau: Rede Camões na Ásia & África, 90-103. ISBN: 978-989-35669-3-0.